III CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA
Práticas e Processos da Mudança Social
Associação Portuguesa de Sociologia (1996)
CELTA EDITORA

Infidelidade Conjugal: Classe Social e Género

Filomena Santos

Introdução

O tema da infidelidade conjugal não foi ainda, no nosso país, objecto de qualquer estudo de carácter científico. No entanto, pensa-se que ele poderá constituir um forte indicador das transformações nos valores, atitudes e padrões de comportamento face ao casamento e face aos papéis sexuais e, a um nível mais geral, face às próprias práticas e representações sobre a família.

Irei centrar a minha exposição nos resultados de uma investigação[1] que teve como objectivo principal a análise dos efeitos de diferentes identidades associadas à classe social e ao género na configuração das representações sobre a infidelidade conjugal e a relação do casal.
Em termos teórico-metodológicos, a pesquisa abrangeu dois estudos. Apresentarei aqui somente os resultados do primeiro estudo baseado na associação livre de palavras, segundo uma perspectiva teórica que relaciona modelos ou tipos de conjugalidade com classes sociais e género (Kellerhals,1982; Torres, 1990). Trabalhos realizados no âmbito da sociologia da família, mostraram que, de uma maneira geral, o predomínio da orientação expressiva, a emergência de novos modelos sexuais e familiares (indiferenciação de papéis, autonomia dos cônjuges...), se encontram associados às estratégias específicas das classes médias, em particular dos casais dotados de capitais escolares importantes, enquanto que as funções instrumentais da família, o maior apego a valores como a fidelidade do casal e a valorização dos seus aspectos institucionais, vistos como fonte de *status* e de identidade social, se encontram sobretudo entre os grupos mais desfavorecidos (e também do topo) da hierarquia social (Roussel, 1989 ; Kellerhals, 1982 e 1987).
A análise das diferenças entre os sexos foi orientada segundo a hipótese da dominância simbólica do género masculino (Amâncio, 1994). Nesta perspectiva, a abordagem das identidades de género é colocada em termos de uma assimetria nos recursos simbólicos que os homens e as mulheres têm ao seu dispor para construir a sua individualidade. Enquanto que a representação do masculino se confunde com o modelo dominante de pessoa, apresentando uma diversidade de competências e orientações, a pessoa feminina situa-se nos estreitos limites da “feminilidade” definida em função da reprodução biológica e das relações afectivas. Considerou-se ainda para efeitos deste estudo, que diferentes identidades baseadas no género se manifestam quer através dos comportamentos que os homens e as mulheres julgam adequados ao seu sexo, quer através das imagens que transmitem de si próprios nas interacções sociais, os quais contribuem, por sua vez, para actualizar as representações sociais amplamente partilhadas e difundidas sobre o masculino e o feminino.

Representações sobre a infidelidade e a relação do casal

População e método

Participaram no primeiro estudo 200 sujeitos de ambos os sexos, de idades compreendidas entre os 20 e os 55 anos, pertencentes ao Operariado, à Pequena Burguesia Assalariada Sem Licenciatura (composta na sua maioria por elementos da P.Burguesia de Execução) e à Pequena Burguesia Intelectual e Cientifica (grupo dos licenciados) — todos residentes na cidade da Covilhã.
A população estudada é mais representativa de indivíduos casados e com idade inferior a 40 anos.
A classificação dos indivíduos em classes sociais ou fracções de classe baseou-se fundamentalmente nos indicadores profissão, situação na profissão e nível de escolaridade.

Foi usado um protocolo, que para além dos elementos de caracterização dos indivíduos, continha duas perguntas ou estímulos: “Quando pensa em (relação do casal / infidelidade conjugal) o que é que lhe vem à ideia?”. Pedia-se às pessoas para responderem por meio de palavras, no máximo 10 para cada estímulo.
Os resultados que apresentamos a seguir foram obtidos a partir de um conjunto de análises factoriais de correspondência (AFC) aplicadas separadamente às variáveis grupo social, sexo, e grupo social x sexo, utilizando o programa informático SPAD (Texto) para o tratamento dos dados. A representação gráfica dos campos semânticos definidos pelos eixos factoriais relativamente ao cruzamento das variáveis grupo social e sexo, que sintetiza os resultados obtidos para cada um dos estímulos, encontra-se no final do texto (ver Figura 1 e 2).

Resultados

A análise incidindo sobre a variável grupo social mostrou que a concepção de conjugalidade do grupo dos licenciados se opõe à concepção de conjugalidade dos operários, já que a primeira é centrada no indivíduo e na relação através da importância dada aos aspectos expressivos (amizade, companheirismo, compreensão, partilha, harmonia e amor), e a segunda salienta as dimensões pragmáticas ligadas à sobrevivência e à reprodução dos indivíduos (casa, casamento, dinheiro e trabalho) e ainda a dimensão familialista através da importância dada aos filhos.
Os Operários distanciam-se significativamente dos outros grupos por serem aqueles que dão mais importância aos aspectos institucionais da união conjugal (casamento). Nota-se, de facto, neste grupo, um investimento intenso na família, como forma privilegiada de procura de felicidade (felicidade), e os filhos representam ainda, neste contexto específico, uma componente fundamental desse investimento, à volta dos quais se mobilizam os recursos e as estratégias. O "nós-família" parece ainda sobrepor-se ao "nós-casal" na construção da identidade dos indivíduos operários, afastando-os assim dos modelos de conjugalidade idealizados pelos outros grupos, onde a orientação conjugalista, ou mesmo individualista, no caso dos licenciados, tende a ser a orientação dominante.
A P.B.Assalariada distingue-se dos outros grupos pela saliência dada à dimensão das normas e dos valores; este grupo defende a fidelidade mas opõe-se à partilha e ao companheirismo, dimensões características da P.B.Intelectual que remetem para uma maior igualdade de estatutos e indiferenciação de papéis entre os membros do casal.
O cruzamento da variável grupo social com a variável sexo (ver Fig. 1) veio ainda acrescentar, em relação às análises anteriores, que a P.B. Assalariada partilha da visão normativa que os homens em geral têm acerca da relação conjugal.
No universo semântico dos operários a dimensão das normas e dos valores que orientam a relação do casal, incluindo a dimensão fidelidade, surge menos saliente em comparação com a P.B. Assalariada. Uma possível explicação refere-se ao facto dos indivíduos deste grupo estarem sobretudo preocupados com as condições sociais de existência e a família tender a ser, ainda, a instância dominante e não o casal ou o indivíduo. Isto não significa que os operários dão menos importância à fidelidade enquanto valor tradicional ligado ao casamento, antes pelo contrário, como comprovam de uma maneira geral os resultados desta investigação e, em particular, a análise das entrevistas realizadas no segundo estudo.[2]
Os resultados da associação livre de palavras mostram também duas concepções de amor: o amor-paixão ou amor-romântico que tende a ser adoptado pelos dois grupos com mais baixos recursos, e, do lado oposto, o amor-companheirismo do grupo dos licenciados, para quem outras alternativas se colocam em termos de realização pessoal e profissional que concorrem com o investimento feito na família e no casal.
A inclusão da variável sexo na AFC mostrou uma clara oposição entre as concepções de conjugalidade dos homens e das mulheres. A análise orientada segundo a problemática do género, mostra-se, pois, particularmente adequada à interpretação dessas diferenças, que se traduzem na saliência dada, por parte dos homens, aos aspectos instrumentais (casa, dinheiro) e aos valores e normas que orientam a relação do casal (estabilidade, fidelidade, respeito, sexo, família), e na valorização, por parte das mulheres, dos aspectos afectivos, emocionais e da relação com o outro (amor, companheirismo, diálogo, partilha) .
Esta diferenciação tem subjacente uma assimetria nos significados das representações do masculino e do feminino e dos papéis sexuais no seio da família. A persistência das representações sobre a divisão de funções na equipe conjugal, partilhadas por ambos os sexos, apesar das mudanças societais verificadas, nomeadamente, com a entrada das mulheres no mercado de trabalho, remete os homens para o papel instrumental de principais responsáveis pela manutenção económica da família e as mulheres para o papel de mediadoras relacionais .
Relativamente ao estímulo infidelidade, os resultados obtidos para o conjunto da população mostraram à partida diferentes maneiras possíveis de pensar a infidelidade, em termos de causas e consequências,

e em termos da polarização das explicações no indivíduo, na relação do casal e na família.
A análise incluindo a pertença dos sujeitos em termos de classe social fez surgir uma vez mais uma forte oposição entre os Operários e a P.B.Intelectual. O que mais caracteriza a representação dos operários sobre a infidelidade é a saliência dada à dramatização do problema e às consequências negativas para a família, enquanto que o que distingue os licenciados dos outros grupos é a saliência dada à dimensão hedonista.
A P.B.Intelectual pensa a infidelidade em termos de sentimentos e comportamentos negativos dos indivíduos na relação (insatisfação, insegurança, infelicidade, mentiras e traição) mas também do ponto de vista da realização pessoal e da procura de prazer (aventura, sexo). Esta representação opõe-se à concepção dos operários que avaliam a infidelidade de um ponto de vista exclusivamente negativo, em termos de sentimentos e comportamentos disfuncionais para a família, nomeadamente porque levam à ruptura do casal e à rejeição da responsabilidade perante os filhos (desamor, ciúme, discussões, ódio, divórcio, filhos).
A P.B.Assalariada tem uma representação sobre a infidelidade ambígua ou de contornos menos definidos já que se aproxima dos licenciados, ainda que não totalmente, quanto à dimensão hedonista centrada no indivíduo (aventura), e partilha com os operários, embora de forma menos intensa, a dramatização e a atitude aparentemente menos tolerante face à infidelidade (ódio, divórcio). Contudo, afasta-se dos operários na medida em que neles as consequências da infidelidade para a família constituem a preocupação dominante e assemelha-se à P.B.Intelectual quanto à centração do problema na relação do casal (incompreensão e mentiras) que traduz em ambos os casos uma orientação conjugalista.
A análise dos efeitos do género na definição das dimensões das representações extraconjugais mostra também aqui uma diferenciação nítida entre homens e mulheres. O universo simbólico masculino caracteriza-se pela saliência dada, por um lado, às consequências da infidelidade para a família (filhos, problemas), e por outro à dimensão erótica das relações extraconjugais (aventura, sexo), enquanto que o universo simbólico feminino salienta as consequências afectivas e emocionais da infidelidade avaliada em termos de sentimentos negativos (desamor, ciúme, ódio, incompreensão, infelicidade).

***

Os universos semânticos relativos à infidelidade e à relação do casal apontam para a existência de diferentes modelos ou formas de conjugalidade associados a cada um dos grupos. Numa tentativa de classificação, e recorrendo aos principais eixos usados na construção de tipologias (orientação, coesão e regulação) pelos sociólogos da família (Kellerhals, 1987; Roussel, 1989), dir-se-ía que o grupo dos operários apresenta um modelo de tipo Familialista-Conjugalista, a P.B.Assalariada de tipo Conjugalista e a P.B.Intelectual inclina-se para um modelo de tipo Individualista-Conjugalista.
Os resultados deste estudo confirmam a nossa hipótese principal relativamente à variável grupo social. A adesão aos valores e às representações tradicionais ligados à fidelidade versus infidelidade é mais forte nos grupos com mais fracos capitais económicos e simbólicos, para quem a família e a coesão do casal têm um papel fundamental enquanto fonte de realização e identidade, ou seja, nos grupos que adoptam formas de conjugalidade de tipo fusional, como é nitidamente o caso dos Operários. Inversamente, é nos grupos mais favorecidos, em particular nas classes médias dotadas de capitais culturais importantes, como é o caso da P.B. Intelectual, e que aderem a modelos e estilos de conjugalidade mais diversos (que se distanciam do modelo fusão), que encontramos a crença mais acentuada na autonomia do indivíduo face aos constrangimentos do casal, e o maior relativismo face aos valores e às normas de fidelidade conjugal.
A P.B.Assalariada tem uma posição intermédia e ao mesmo tempo ambivalente face às concepções sobre o casal e a infidelidade características dos outros dois grupos. Parece, de facto, existir uma tensão entre a defesa dos valores e normas de conduta tradicionais associados ao casamento, nomeadamente a fidelidade conjugal, e a defesa da liberdade dos indivíduos. Esta tensão “resolve-se” mediante a reivindicação da liberdade sexual para os homens e a condenação moral dos comportamentos de infidelidade das mulheres, como pudemos verificar a partir do segundo estudo.[3] É, aliás, em relação aos indivíduos do sexo masculino deste grupo que parece ser maior a distância entre aquilo que se diz e aquilo que se faz.
Os resultados da associação livre de palavras confirmam também a hipótese relativa ao género. Verificou-se que a categoria sexual de pertença dos indivíduos é um importante factor de estruturação das representações que produz efeitos diferenciadores nos conteúdos associados à relação e à infidelidade conjugal.
Vimos como a contribuição das identidades de género se revelam na configuração das representações sobre o casal, as quais estão intimamente relacionadas com os conteúdos simbólicos associados à categoria sexual masculina (importância das dimensões instrumentais e normativas) no grupo dos operários e da P.B.Assalariada.
Os estudos que abordaram as representações e as identidades de género mostraram, com efeito, que

o masculino está mais associado à cultura e à internalização da moral social, ao trabalho e à instrumentalidade, enquanto que a representação do feminino reúne traços mais consistentemente orientados para os outros, seja em termos relacionais ou expressivos (Amâncio, 1994).
A análise mais atenta das articulações entre a variável sexo e grupo social, veio de facto demonstrar que devido à assimetria nos recursos simbólicos masculinos e femininos, as mulheres contribuem com um menor número de dimensões na definição da representação conjugal característica do seu grupo social de pertença, à excepção das mulheres do grupo com maiores recursos e capital escolar.
As mulheres licenciadas conseguem fazer sobressair as dimensões específicas do universo simbólico feminino, através da importância dada aos aspectos expressivos e relacionais, por oposição às dimensões instrumentais e normativas que marcam os modelos de conjugalidade dos outros grupos.
Os resultados desta investigação confirmam, de uma maneira geral, a hipótese da dominância simbólica do género masculino já fundamentada em outros trabalhos (Amâncio, 1994), mas vêm também chamar a atenção para a necessidade de considerar o efeito acumulado das representações associadas a diferentes contextos de pertença, como sejam a classe social e o género.

Referências Bibliográficas

Amâncio, Lígia (1992), "As Assimetrias nas Representações do Género". *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (34) : 9-22.

Amâncio, Lígia (1993), "Género - Representações e Identidades". *Sociologia - Problemas e Práticas*, (14), 127-140.

Amâncio, Lígia (1994), *Masculino e Feminino. A Construção Social da Diferença*, Porto, Afrontamento.

Béjin, André (1983), “O Casamento Extra-conjugal de Hoje”, 174-184 in *Sexualidades Ocidentais*, Lisboa: Contexto Editora.

Bilton, T., Bonnet, K. *et al.* (1981), " Gender Divisions in Society " 148-195 in *Introducing Sociology*, Londres : Macmillan Press.

Giddens, A.(1992), *The Transformation of Intimacy: Sexuality, Love and Eroticism in Modern Societies*, Cambridge: Polity.

Glass, S.P., Wright, T.L., (1992), "Justification for Extramarital Relationships : The association bettween Attitudes, Behaviors, and Gender". *The Journal of Sex Research*, vol. 29, (3) : 361-387.

Kellerhals, J. et. al. (1982), *Mariage Au Quotidiens : Inégalités Sociales, Tensions Culturelles et Organization Familiale*, Lausanne : Favre.

Kellerhals, J. (1987), "Les types d'interactions dans la famille". *L'Année Sociologique*, 37: 153-179.

Lawson, Annette (1988), *Adultery : an Analysis of Love and Betrayal*, N.Y. : Basic Books.

Pais, José, M. (coord.), (1994), " Traições Amorosas ", 370-373 in *Práticas Culturais dos Lisboetas*, Lisboa : Edições do Instituto de Ciências Sociais.

Roussel, L. (1980), "Mariages et divorces. Contribuition à une analyse systématique des modèles matrimoniaux". *Population*, (6) :1025-1040.

Roussel, L. (1989), *La Famille Incertaine*. Paris, Odile Jacob.

Torres, A. (1990), *Fatalidade, Culpa, Desencontro : Formas de Ruptura Conjugal*. Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, ISCTE.

---

[1] Realizada no âmbito de uma dissertação de mestrado em sociologia da família do ISCTE (1993 / 95), orientada pela Prof. Dra Lígia Amâncio.

[2] Para uma visão mais completa dos resultados da investigação, ver Filomena Santos, Infidelidade Conjugal - Classe Social e Género, dissertação de mestrado em sociologia da família, ISCTE, 1995.

[3] O estudo por entrevista coloca precisamente o enfoque na assimetria dos juízos avaliativos em relação aos comportamentos de infidelidade dos homens e das mulheres, tendo como suporte empírico 24 casos ou histórias narradas, metade com protagonistas masculinos e a outra metade com protagonistas femininos.